

# Muitas cores e formas

## Apresentação do Módulo 4

Anteriormente, quando falamos do encontro de duas culturas, falamos de estranhamento. Como possuíam culturas diferentes, ameríndios e europeus encontraram muitas dificuldades e, por isso, não tiveram um bom entendimento.

Durante a formação do Brasil colonial, essa diversidade cultural ganhou mais um colorido com a vinda dos escravos africanos. Além disso, existiam profundas desigualdades sociais. Com tantas diferenças, será que a sociedade escravista estava produzindo uma cultura própria, uma linguagem comum a todos os povos que faziam parte dela?



## Nesta aula

Nesta aula vamos ver como se formou a cultura no Brasil escravista e como ela se transformou, especialmente durante o período em que o país era colônia de Portugal.

### Selvagens e pagãos

Ao traçar um perfil da cultura brasileira, devemos levar em consideração três importantes influências na organização social: a do índio, basicamente comunitária; a do negro, de religiosidade forte e marcante; e a do branco colonizador, de padrões europeus.

O descobrimento da América, em 1492, e o descobrimento do Brasil, em 1500, provocaram um verdadeiro choque na cultura européia. Encantados, os primeiros portugueses que desembarcaram aqui encontraram uma terra coberta de vegetação exuberante, com flores, árvores e frutos nunca vistos e animais completamente desconhecidos, de todos os tamanhos e cores – uma verdadeira festa para os olhos.

O espanto foi grande quando os portugueses viram que os povos indígenas viviam nus, enfeitados com penas coloridas, colares feitos de sementes e lindos desenhos pintados pelo corpo. Eram alegres, curiosos. Dançavam, cantavam, trabalhavam em suas roças e faziam potes de cerâmica e cestos de palha. Era uma gente que levava vida completamente diferente dos europeus.

Os portugueses devem ter se perguntado: “Como entender essa outra cultura?” E logo perceberam que, para **dominar** esse povo, era preciso **conhecê-lo**, conhecer sua maneira de viver.



*Os indígenas cristianizados começaram a freqüentar as aulas dadas por padres jesuítas, que até fizeram uma gramática da língua tupi.*

Os diferentes artistas, escritores e sábios da Europa tentaram explicar o que era este Novo Mundo. Para eles, a América representava o paraíso na Terra, um mundo de seres mágicos, cheio de mistérios e perigos, povoado por seres humanos completamente selvagens e distantes de Deus, que deveriam ser salvos e civilizados.

E os africanos, que chegavam ao Brasil como escravos, também trouxeram muitas culturas diferentes. Com eles também vieram seus deuses, suas comidas, seus costumes, suas músicas e danças, suas artes e, com isso, uma maneira diferente de viver em família, de mostrar sua visão do mundo. Os portugueses consideravam os negros bárbaros e pagãos. Por causa desse ponto de vista, justificavam a escravidão.

Para os senhores de escravos, os africanos não tinham cultura, e tudo que faziam de diferente não passava de selvageria, feitiçaria e superstição. E foi assim que os portugueses começaram a impor sua fé e seus hábitos aos escravos.

Mas acontece que é muito difícil controlar completamente uma cultura, pois ela faz parte da vida das pessoas. As crenças e as formas que uma pessoa tem de pensar e perceber o mundo não podem ser totalmente destruídas. Transformam-se ao longo do tempo e, com essa transformação, modificam a cultura de uma sociedade. Portugueses, indígenas e africanos (dominadores e dominados) precisavam se entender e se comunicar.

No dia-a-dia, as diferentes formas de viver e de perceber o mundo se misturavam, e o resultado disso era uma coisa nova, que deu origem às muitas cores e às muitas formas da cultura colonial brasileira. Deu origem a uma cultura cheia de diferenças, mas capaz de garantir a comunicação, a convivência e, em alguns casos, até o conflito entre aqueles homens e mulheres que formavam a sociedade escravista no Brasil.

## Confronto e convivência na cultura do Brasil escravista

No século XVI, a vida era muito difícil para todos os habitantes do Brasil colonial, especialmente para os negros e índios escravizados. No entanto, até os senhores de terra e de escravos enfrentavam dificuldades. Para eles, não era fácil a adaptação ao clima, aos novos alimentos e à vida numa terra desconhecida.

A população ficava bem espalhada, e, muitas vezes, o vizinho mais próximo morava a vários quilômetros de distância. Quase não havia estradas de terra, e as que existiam eram ruins.

De vez em quando, batia a saudade de Portugal naquela gente acostumada à vida nas cidades européias da época, pois o dia-a-dia na Colônia não tinha nenhum atrativo.

E mesmo as casas dos donos de fazenda eram simples e de chão batido. Claro que era uma situação diferente da do escravo, porque haviam escolhido vir para o Brasil, mas essa escolha não era simples.

Geralmente os portugueses que vinham para o Brasil eram gente pobre, sem terras, sem títulos de nobreza nem fortuna. Vinham para cá justamente por isso. E, nessa situação, isolados nas fazendas e roças, conviviam no cotidiano com os trabalhadores indígenas, africanos e mestiços.

*Toda a alegria dos escravos revelava-se nas festas de rua, que eram organizadas ou surgiam espontaneamente em dias consagrados a santos ou nas colheitas e feiras regionais.*



Os portugueses eram os senhores e davam as ordens. Mandavam e castigavam. Obrigavam seus escravos a se batizarem na Igreja Católica, proibindo que mantivessem suas religiões. Mas não podiam vigiar e controlar o tempo todo. E os escravos africanos iam para a lida na lavoura cantando suas cantorias de trabalho; as amas-de-leite e as escravas que cuidavam dos filhos dos senhores entoavam canções e contavam histórias da África; nas festas permitidas pelos senhores, os cativos dançavam e enfeitavam-se como se estivessem em sua terra, e lembravam sua língua.

Era comum uma fazenda possuir escravos africanos que vinham de povos diferentes e até mesmo rivais. No Brasil eles descobriram como eram parecidas as suas línguas e crenças religiosas de origem. Foi por isso que, aqui, os escravos passaram a se aceitar de uma maneira que seria impossível em sua terra natal.

Como já vimos, muitas palavras que hoje fazem parte da nossa língua vieram da África, trazidas pelos escravos. Durante essa convivência entre dominadores e dominados, a cultura africana que os escravos trouxeram foi sendo transformada, mas também se misturou à cultura dos portugueses, criando novas maneiras de viver.

Do mesmo modo, os índios introduziram muitos elementos nessa vida cultural. A construção de casas de taipa é um exemplo disso.

A técnica dessa construção foi ensinada pelos nativos e até hoje é usada no interior do Brasil. O indígena também ensinou como conseguir e preparar boa parte dos alimentos consumidos no tempo em que o Brasil era Colônia. Afinal, eles conheciam a terra, os recursos, o tipo de construção mais adequado – para manter o interior da casa fresco no calor e protegido no inverno e na época de chuvas –, os frutos comestíveis, a mandioca boa para cozinhar ou fazer farinha, a caça adequada para comer. Com isso, introduziam a sua cultura alimentar, a sua técnica de construção, a sua arte.

Ano após ano, em meio à luta dos escravos, à resistência indígena e à dominação dos senhores portugueses, o dia-a-dia foi criando uma cultura própria: a cultura do Brasil escravista.

Podemos definir essa cultura como tudo aquilo que fazia parte da vida daquelas pessoas e que, de alguma forma, contribuía para que elas se entendessem e conseguissem se comunicar, apesar das diferenças. E, nesse quadro geral, também podemos dizer que o conflito e a convivência eram as duas faces de uma mesma moeda.

### Algumas manifestações da cultura popular colonial

Quando os primeiros portugueses vieram para cá, chegaram com eles os padres da Igreja Católica. Esses padres, quando procuraram converter (catequizar) os índios brasileiros para a religião católica, tiveram que, antes, conhecer sua cultura e sua língua. Só assim podiam se aproximar e fazer com que os nativos os compreendessem, atraindo-os para a sua religião.

Foi por isso que começaram a representar peças de teatro sobre cenas da Bíblia e histórias de santos, fazendo cerimônias religiosas com muita música, cânticos, roupas e enfeites religiosos, velas acesas, incensos, e muitos padres como celebrantes. Criavam um espetáculo grandioso, “de encher os olhos”, como se diz.

Essas peças, conhecidas como **autos religiosos** (ou, simplesmente, **autos**) foram a origem do teatro brasileiro. E, com a cristianização de muitos índios e africanos, vários elementos da cultura desses povos começaram a fazer parte das peças teatrais.

O teatro religioso era bem popular e nas festas sempre havia um espaço para as apresentações que, em geral, eram feitas pelos habitantes das pequenas cidades do Brasil colonial. Nos autos, era comum ver uma “virgem maria” mestiça, um “são francisco” índio e um “jesus cristo” com a cara e a cor do povo daquela região.

Nas festas religiosas o povo exibia sua música, suas danças e seu gosto por alegorias e enfeites. Quanto mais cores, melhor. Nessas ocasiões, vestia-se a melhor roupa e até se calçavam sapatos, que eram guardados para tais comemorações. Fora do calendário religioso, existiam festas que celebravam as colheitas, com danças e folguedos nas feiras onde se ia comprar ou vender o gado, ou simplesmente folias nas poucas horas de folga, quando se cantava e dançava.

Mesmo os senhores de escravos mais rigorosos sabiam que a tristeza não era boa companheira e que precisavam ter alguma tolerância em relação a essas brincadeiras. Foi a partir daí que se desenvolveram as muitas festas do boi e as folias negras, como as Congadas, nas quais os africanos representavam seus reis e suas rainhas.

Em geral, quase não houve trabalhos literários no Brasil desse período. A maioria da população era analfabeta e, entre os que sabiam ler, os livros religiosos eram os mais lidos, principalmente a Bíblia. Os padres formavam o setor mais instruído da população.

### Ouro e cultura no Brasil colonial

A partir do século XVIII, a mineração do ouro, como já se viu, trouxe riqueza. Surgiram cidades, apareceram novos tipos de trabalhos e serviços e, nesse período, aumentou a presença do governo português no Brasil. Tais elementos novos mudaram bastante a sociedade e, portanto, a cultura.

As igrejas e casas ricas ganharam uma decoração cheia de enfeites. As festas passaram a ter mais brilho, mais luxo, mais ostentação. Havia mais dinheiro e, principalmente, **ouro** em circulação.

Da Europa vieram influências importantes para o novo gosto cultural. Ornamentação de luxo, objetos de ouro e prata, tecidos finos, bordados nas toalhas e nas roupas eram privilégio dos que tinham fortuna.

Os membros da elite colonial brasileira aderiram a essas modas e deram-lhes as cores e os ingredientes da cultura do Brasil colonial: mais detalhes ainda na decoração das igrejas, nos enfeites das roupas, e mais cor e brilho nas alegorias das festas.

Tudo isso passou a ser incorporado às tradições populares. As pessoas começaram a valorizar as cerimônias religiosas mais cheias de paramentos. E as missas mais concorridas passaram a ser celebradas por vários padres, ricamente vestidos, nas igrejas que os artistas negros e mulatos construíram e para as quais fizeram esculturas de madeira e ouro.

Dando asas à imaginação e interpretando a seu modo a tradição católica, os artistas e trabalhadores decoraram as igrejas da Região das Minas de tal modo que até hoje maravilham a todos.

Esse período ficou conhecido como **barroco mineiro** ou **barroco brasileiro**, marcado por um estilo vistoso e cheio de detalhes luxuosos.

Levados para o trabalho nas minas, os muitos escravos, negros libertos e mulatos continuaram a viver suas tradições, com suas danças, cantos e celebrações, fazendo a História do Brasil do século XVIII.

A partir de suas danças surgiram o **lundu**, o **coco**, o **samba de roda**, que logo se tornaram populares, mas causaram espanto e desagrado entre os estrangeiros e os religiosos mais conservadores.

### O tempo não pára

A riqueza da sociedade mineradora fez também surgir uma cultura da elite. Os filhos das famílias mais ricas eram mandados para estudar na Europa, especialmente em Portugal, na Universidade de Coimbra. Lá, entravam em contato com a literatura européia. Surgiram, então, nossos primeiros escritores.

Na Europa, esses jovens da elite entravam em contato também com novas idéias que pregavam maior liberdade, criticavam a Igreja Católica e, principalmente, discutiam o colonialismo, como a forma pela qual um país dominava o outro.

No Brasil, os efeitos dessas idéias provocaram rebeliões, conflitos e um aumento da oposição a Portugal. Essas idéias chegaram até a provocar em algumas pessoas o desejo de acabar com a escravidão, como queriam os rebeldes da Conjuração Baiana de 1798.

### Relendo o texto

Leia mais uma vez o texto da aula, sublinhe as palavras que não entendeu e procure seu significado, no dicionário ou no vocabulário da Unidade.

1. Releia ***Selvagens e pagãos*** e identifique no texto os trechos que explicam como os portugueses consideravam a cultura dos indígenas e dos africanos.
2. Releia ***Confronto e convivência na cultura do Brasil escravista*** e identifique no texto como, apesar da dominação portuguesa, as culturas indígenas e africanas influenciaram a sociedade colonial.
3. Releia ***Algumas manifestações da cultura popular colonial*** e retire do texto duas dessas manifestações da cultura popular.
4. Releia ***Ouro e cultura no Brasil colonial*** e identifique algumas características culturais do período conhecido como ***barroco mineiro***.
5. Dê um novo título a esta aula.

### Fazendo a História

Os textos a seguir são trechos da carta de Pero Vaz de Caminha, mandada ao rei de Portugal, dando conta do descobrimento e da posse das terras do Brasil pela esquadra de Pedro Álvares Cabral, em 1500. Leia os dois e, depois, responda às perguntas.

*“ Todavia, um deles fixou o olhar no Colar do Capitão e começou a acenar para a terra, como que querendo dizer que ali havia ouro.”*

*“ Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma.”*

1. Esses dois pequenos trechos da carta de Pero Vaz de Caminha informam sobre quais objetivos da colonização portuguesa?
2. Você concorda com o trecho da carta que diz que os índios “ não têm nem entendem crença alguma”?



### Exercícios